

JUVENTUDES, EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E PROJETOS DE VIDA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Tamyris Bianchi Grilo¹
Raquel Quirino²

RESUMO

O tema do trabalho permeia a categoria “Juventudes” e suas inter-relações com a Educação Profissional e Tecnológica, o mundo do trabalho, a educação ao longo da vida e projetos de futuro, na perspectiva da divisão sexual do trabalho. Perpassando as percepções das diversas motivações e dificuldades, observando as diferenças das mesmas entre jovens meninas e jovens meninos. A importância da busca por respostas para essa questão, é imprescindível para a compreensão dos seus anseios em relação à profissionalização, à educação profissional, ao trabalho e à educação continuada além da importância para a implementação de políticas públicas para as juventudes, para subsidiar modelos de gestão das instituições de educação profissional, bem como para educadores e pesquisadores interessados pela temática.

Palavras-chave: Juventudes, Educação Profissional e Tecnológica, Mundo do trabalho, Educação ao longo da vida, Projetos de futuro.

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, tferreirasbg@gmail.com;

2 Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, quirinoraquel@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Para se compreender melhor a que se refere o termo “juventudes”, Abramovay e Garcia Castro (2006) esclarecem que a categoria juventude é composta por uma diversidade de perfis e identidades as quais permeiam as construções simbólicas das questões de gênero, classe e raça que estão envolvidas nas relações sociais e culturais. Portanto, não se justifica apropriarmos falar em juventude, mas antes em do conceito expresso no termo “juventudes”, no plural.

No Brasil, a atual Política Nacional de Juventude (PNJ) (Estatuto da Juventude, 2013), considera jovem todo cidadão ou cidadã da faixa etária entre os 15 e os 29 anos; sujeitos com características próprias, que estão em busca de autonomia, de experimentação de novas formas de expressão, da construção de identidades e da descoberta de novos espaços de socialização. Não se trata, portanto, apenas de uma cronologia ou um marco temporal ou de um grupo de sujeitos que se encontram numa determinada idade de vida.

Contudo, o conceito de juventude carrega em si um emaranhado de significados que atravessam os conceitos lidos em dicionários, políticas públicas e teorias das ciências humanas. Poderia, portanto, ser concebida como juventudes, no plural, por perpassar a ideia de tempo, de idade, de condição ideológica etc. e se aprofundar numa teia de significados, necessidades, dilemas, anseios, desafios etc. (ABRAMOVAY; CASTRO, 2007).

Destarte, Abramo (2005), ressalta a relevância de se atentar para as condições do jovem no Brasil atual, enfatizando as diferenças e desigualdades, considerando os atributos socioculturais, que vão além da concepção tradicional da mera passagem da infância para vida adulta. Portanto, segundo a mesma autora, pensar em políticas públicas é pensar na multiplicidade de espaços da vivência juvenil, intervenções em diversas áreas, com o intento de uma formação integral, com a experimentação e participação do jovem.

Em se tratando de perspectivas futuras em relação aos estudos e à inserção no mercado de trabalho, traduzidos pelo Novo Ensino Médio (BRASIL, 2022) como projetos de vida ou projetos de futuro, evidencia-se um imediatismo, que no entendimento de Pais (2019, p. 64), para muitos jovens “[...] o futuro não existe mais. Ou se sim, agora. O agora dado não é dado é muitas vezes tomado passivamente, mas agora isso pode ser transformado e conquistado”.

2 JUVENTUDES: À GUIA DE CONCEITO

Segundo Abramo (1997), a abordagem conceitual “juventude” tem estado presente tanto na opinião pública quanto no pensamento acadêmico, com características próprias simbolizando os dilemas do presente, pois aparece como um retrato projetado da sociedade, condensando ansiedades, medos e esperanças.

O termo juventudes, empregado no plural, eleva o termo para uma definição muito além do mero ciclo de idade dos indivíduos. O termo no plural considera as diferentes condições de vida dos jovens da cidade ou do campo, as diversas identidades sociais, as diferentes formas como se afirmam como sujeitos ou como se fazem pertencentes a grupos não homogêneos, conforme Abramovay e Castro (2006).

Corroborando com essa ideia, Dayrell (2007), defende que

[...] a juventude é uma categoria socialmente construída. Ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais distintos, e é marcada pela diversidade nas condições sociais, culturais [...], de gênero e até mesmo geográficas, dentre outros aspectos. Além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem (DAYRELL, 2007, p.4).

Segundo a pesquisa O Futuro do Mundo do Trabalho para as Juventudes Brasileiras (livro organizado pela Fundação Itaú Superintendência educação e trabalho), todo jovem tem potencial para contribuir na vida comunitária. O acesso a uma educação de qualidade capacita os jovens para explorar conhecimentos sobre diferentes áreas e ampliar sua visão de si mesmo e da sociedade em que estão inseridos. Um processo educacional de qualidade é também o ponto de partida para que eles identifiquem seus interesses, amplie seus horizontes e desenvolva capacidades para contribuir para melhorias sociais.

A pesquisa apurou que, a necessidade de trabalhar para contribuir nas despesas de casas e/ou cuidados com familiares. Este fato tem um impacto negativo na vida dos jovens que passam a ter maiores dificuldades de conseguir um emprego de qualidade e com boa remuneração, ficam mais suscetíveis à atividade de riscos, trabalhos informais e até o envolvimento e participação no crime.

Com informações relevantes sobre as juventudes, o Atlas das Juventudes (2021), foi criado com a missão de sistematizar e disseminar dados sobre as

juventudes com o intuito de disponibilizar referências para que os investimentos em políticas públicas voltados para as juventudes sejam assertivos e feitos no momento certo, para ativar o potencial da maior geração de jovens da história do país e, por conseguinte, possibilitar seu pleno desenvolvimento, construindo caminhos para um presente e futuro mais inclusivo e próspero para todas as pessoas. As informações que seguem, são uma síntese da pesquisa desenvolvida para a criação dos Atlas das Juventudes:

3. JUVENTUDES, DESAFIOS E PROBLEMAS ATUAIS

3.1 Da Profissionalização, Trabalho e Renda

Com o acesso às boas e estáveis oportunidades de trabalho o jovem pode desenvolver suas habilidades e talentos e, assim, contribuir na economia familiar. Em alguns casos, esse emprego também oportuniza a continuidade dos estudos, porém, pesquisas mostram que os jovens ainda têm uma alta representação entre os desempregados.

O desemprego prejudica ainda, os índices de saúde, felicidade, segurança pública, qualidade de vida e estabilidade socioeconômica da população jovem no Brasil.

3.2 Juventudes: Cultura, Lazer, Esporte e Comunicação

O Estatuto da Juventude garante aos jovens os direitos à cultura, lazer, esporte, comunicação e liberdade que são importantes para fomentar experiências e influenciam na formação social dos jovens. São direitos com que fundamentam a socialização e permitem que os jovens expressem sua criatividade, mas necessitam de estímulo, apoio, acesso e valorização para se concretizarem.

Para Brenner *et al.* (2008) e de acordo com o Atlas da Juventude, o reconhecimento da cultura como um direito significa a necessidade de organizar condições de produção, divulgação e acesso à cultura, bem como para valorização da memória cultural coletiva. (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2008 *apud* Atlas da Juventude).

O Atlas da Juventude se refere ao direito do lazer e do esporte, como um ponto de convergência entre saúde, esportes, turismo, atividades culturais, proporcionando aos jovens um espaço para experimentar sua individualidade e favorecendo o desenvolvimento de suas habilidades sociais a partir de suas múltiplas identidades.

Mas esses jovens ainda encontram diversos fatores de obstáculos para ter acesso ao lazer e ao esporte, como por exemplo: a escassez de equipamentos públicos de esporte e lazer, a violência, a militarização nos territórios periféricos e a organização verticalizada das atividades esportivas que geram insatisfação na juventude, em função de experiências de discriminação e ausência de escuta. (Atlas da Juventude 2021, p. 149).

3.3 Do Direito à Comunicação e a Liberdade de Expressão

Com direito da livre comunicação e da liberdade de expressão, são construídas as democracias. No entanto, nos últimos anos, observam-se um aumento dos desafios dessa pauta, apesar do uso das novas tecnologias de comunicação, as mídias e as redes sociais transformarem e facilitarem o acesso à comunicação. Mas ainda há uma demanda da juventude não atendida no que se refere ao acesso à informática, às diferentes mídias sociais e à internet.

3.4 Juventudes, Segurança Pública e Acesso à Justiça

A violência contra jovens leva à perda de vidas e tem grandes custos econômicos e sociais. O envolvimento em gangues/facções, em particular, é um problema especialmente sério em países de baixa e média renda, ameaçando a coesão social (HIGGINSON *et al.*, 2016 in Atlas da Juventude).

O Atlas referido trata a violência juvenil não apenas como o envolvimento com o crime organizado e violento, mas também a violência sexual e de gênero. Durante as pesquisas para a construção do Atlas, foi possível perceber um aumento entre os jovens da consciência dos danos gerados pelos diversos tipos de violência, um posicionamento contrário à homofobia, ao machismo, ao racismo e aos preconceitos contra pessoas com questões de saúde mental.

3.5 Juventudes, saúde e meio ambiente

Ao dizer que os jovens são o foco da construção de um futuro melhor, é necessário cuidar da saúde das juventudes e do meio ambiente. Com tanta expectativa depositada nas juventudes, é preciso oferecer a elas os recursos necessários para o fortalecimento da saúde física, mentalmente, social, emocional, cognitiva e intelectual.

3.6 Juventudes e os direitos ao território e à mobilidade: demandas

O território é o espaço da vida e do futuro no qual acontecem. O sentimento de pertencer a algum lugar proporciona ao jovem a oportunidades para ser ativo

em vários campos, que são aumentadas quando há a ampliação da mobilidade dos jovens que estudam. Mobilidade e território são os principais enfoques para que a vida aconteça, tanto que são um direito assegurado pelo Estatuto da Juventude (Lei Federal nº 12.852/2013).

Para a população jovem urbana, principalmente aquela que está na periferia, é necessário a oferta de transporte público de qualidade e com tarifas acessíveis, além da possibilidade do uso de transportes multimodais.

O Atlas da juventude completa as discussões, trazendo como último tema,

3.7 Juventudes: participação social com políticas públicas e possíveis desafios

A juventude brasileira quer ter participação na vida da sociedade e contribuir com a elaboração das políticas públicas que a ela são direcionadas. Com a participação dos jovens e com os debates são geradas novas soluções, e a garantia de seus direitos além do aumento da responsabilidade desses jovens com o rumo em que suas vidas vão tomar. Uma boa governança pública pode capacitar e empoderar jovens, de modo a promover uma distribuição equitativa de recursos entre as gerações (OECD, 2020 in Atlas da Juventude).

3.8 Juventudes e Vulnerabilidade

Para Oliveira e Romagnoli (2012, p. 153), sobre os jovens que se encontram no contexto da vulnerabilidade social, atua um conjunto ainda mais heterogêneo de fatores e forças que de alguma forma influenciam e amplificam as angústias e dilemas que os acompanham. É o caso, entre outros, da exclusão, do preconceito, da violência, da pobreza e da discriminação, que muitas vezes favorecem a disseminação de atividades de risco como o subemprego, a exploração sexual de crianças e adolescentes, o tráfico e o consumo precoce de drogas ilícitas.

Nesse sentido, Castro e Abramovay (2002, p. 145 e 146) destacam que, diferentemente do conceito de exclusão, o conceito de vulnerabilidade social pede “olhares para múltiplos planos, e, em particular, para estruturas sociais vulnerabilizantes ou condicionamentos de vulnerabilidades”:

Para as autoras, Oliveira e Romagnoli (2012, p. 156), a abordagem geral sobre jovens em situação de vulnerabilidade social é que esse fenômeno muitas vezes coloca em risco o potencial coletivo dos jovens devido a vários fatores, como idade e vitalidade, colocando-os em uma situação precária e instável. No entanto, aquelas situações de incerteza relacionadas com várias tendências contraditórias,

como a variedade de referências à disposição dos jovens e a idealização de hábitos de consumo e mesmo estilos e comportamentos presentes na nossa sociedade hoje, bem como a incerteza do futuro, amplificam as vulnerabilidades negativas relativas a riscos, fraquezas e obstáculos; e positiva relacionada à mobilização de recursos e estratégias de resistência em diferentes níveis.

4 JUVENTUDES E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGIA

O ensino profissional no Brasil é marcado pela dualidade da educação. Autores como Küenzer (2000), Moura (2007), Saviani (2007), Ciavatta e Ramos (2011) sublinham na análise deste modelo que a sua estrutura assentava nas diferenças dos percursos educativos oferecidos. Para os filhos da elite era ofertada uma educação propedêutica que estimulava o acesso ao ensino superior e oportunidades, já para crianças da classe trabalhadora, a educação era voltada para o trabalho e a formação técnico-profissional.

Para Küenzer (2000) essa diferenciação correspondeu,

[...] à oferta de escolas de formação profissional e escolas acadêmicas, que atendiam populações com diferentes origens de classe, expressando-se a dualidade de forma mais significativa no nível médio, restrito, na versão propedêutica, por longo período, aos que detinham condições materiais para cursar estudos em nível superior. A delimitação precisa das funções operacionais, técnicas, de gestão e de desenvolvimento de ciência e tecnologia, típicas das formas tayloristas/fordistas de organizar o trabalho, viabilizava a clara definição de trajetórias educativas diferenciadas que atendessem às necessidades de disciplinamento dos trabalhadores e dirigentes. (KUENZER, 2000, p. 156)

Na sociedade atual, do ponto de vista dos jovens, é cada vez mais difundida a compreensão de que a formação profissional é um intermediário que lhes confere qualificação profissional, sendo por isso condição necessária tanto para a entrada no mundo do trabalho de trabalho como para a vida adulta, como afirma o Ministério da Educação e Cultura:

a educação profissional e tecnológica (EPT) é uma modalidade educacional prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) com a finalidade precípua de preparar “para o exercício de profissões”, contribuindo para que o cidadão possa se inserir e atuar no mundo do trabalho e na vida em sociedade. Para tanto, abrange cursos de qualificação, habilitação técnica e tecnológica, e de pós-graduação, organizados de forma

a propiciar o aproveitamento contínuo e articulado dos estudos. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, <http://portal.mec.gov.br/educacao-profissional-e-tecnologica-ept#:~:text=A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20profissional%20e%20tecnol%C3%B3gica,e%20na%20vida%20em%20sociedade.>).

Segundo Foracchi (1965), *apud* Augusto (2005, p. 11), foi nesse caminho que o jovem passou da família para o mercado de trabalho, onde optou por ingressar no mundo dos adultos. PaA autora destaque que, para compreender o percurso de adaptação dos jovens no mercado de trabalho, é necessário considerar a existência de relações humanas, responsabilidades e preocupações com o cumprimento das expectativas familiares, que levam os jovens à dependência ou independência.

Hoje a escola não é mais garantia de trabalho, como mostram os estudos de Pochmann (2007 p. 11) também trata de questões relacionadas às expectativas de trabalho dos jovens brasileiros ao comparar os percentuais de jovens que frequentam a escola e os que já estão inseridos no mercado de trabalho. As conclusões do autor são de que desapareceu o otimismo dos jovens brasileiros em relação às suas expectativas de sucesso na adesão. ao mercado de trabalho, o que requer transformação da política pública e liberação do tempo ocioso associado ao processo de formação e melhor compreensão do acesso ao mercado de trabalho em condições adequadas (POCHMANN, 2007)

5. JUVENTUDES E O MUNDO DO TRABALHO

Segundo Silva e Lehfeld (2019), sem trabalho, as pessoas não têm o reconhecimento dos cidadãos que viajam o caminho direto do bem comum. Não é raro ouvir a expressão “o trabalho dá dignidade ao homem” para derivar essa a abordagem constitui a construção de um caráter digno, adequado, justo e moralmente aceitável. Contribuindo, Azevedo e Reis (2014, p. 31) definem que,

o mundo do trabalho diz respeito à complexidade da realidade social, da produção da vida. Nela estão inseridas todas as formas de produção de atividades econômicas (serviço, indústria, comércio, agropecuária), atividades culturais (toda a produção social no âmbito das manifestações da cultura, mídia, cinema, dança, teatro, música, entre outros), enfim, da existência humana. Portanto, o mundo do trabalho abrange a produção de bens e mercadorias, materiais e simbólicas. Assim, uma educação com o foco no mundo do trabalho visa fomentar percursos discentes na direção de uma inserção crítica propositiva e não subordinada ao mercado de trabalho, por meio da formação cidadã e técnica. Isso pressupõe a

apropriação dos fundamentos da ciência, da tecnologia, do trabalho e da cultura como etapa imprescindível para o aprofundamento de sua consciência cidadã, possibilitando que atuem criticamente como sujeitos sociais nos contextos em que habitam, técnica e cientificamente unidos para o exercício da cidadania. (AZEVEDO; REIS, 2014).

Para Leão e Nonato (2014, p. 23), o trabalho para os jovens deve ser pensado a partir de suas necessidades, “não se pode pensar o trabalho juvenil sem uma rede de proteção social que garanta o atendimento às suas demandas e a preservação de sua integridade física e moral”. (LEÃO; NONATO, 2014, p. 23)

De acordo com os autores, inegável que, ao longo da história, os jovens brasileiros enfrentam desafios dentro do mundo do trabalho, o próprio mercado imputa um ao exigir experiências para determinadas faixas etárias, e ao mesmo tempo nega oportunidade para os jovens criarem tais experiências, exigência que nem sempre correspondem às possibilidades alcançados por jovens de diferentes idades.

Outra característica da relação dos jovens com o trabalho, a partir da realidade brasileira, é que o Brasil não estruturou uma rede de proteção social que possibilitasse um período de formação e preparação anterior ao trabalho para todos. Para muitos jovens das camadas populares, as primeiras experiências já ocorrem desde a infância, como, por exemplo, ajudar nas atividades domésticas ou fazer “bicos”. No meio rural, o trabalho também aparece desde cedo em alguns casos, como no plantio e na colheita de outros agricultores ou no auxílio aos pais em suas atividades diárias. Essas são experiências que nem sempre são consideradas como trabalho. Em geral, as famílias das camadas populares valorizam essas atividades por diversos motivos: contribuem para a renda familiar, afastam os jovens “da rua” e “forjam o caráter” deles (LEÃO; NONATO: 2014, p. 19).

Para o economista Naercio Menezes (2022, p. 29 *apud* Revista Pesquisa FAPESP), do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), quem cursa o ensino técnico ganha 15% a mais do que aqueles que encerram a formação no ensino médio regular, mas aqueles que concluem o ensino superior conseguem remuneração duas vezes e meia maior do que quem ingressa no mercado de trabalho apenas com o ensino médio regular.

6. JUVENTUDES E EDUCAÇÃO CONTINUADA OU EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA

Para Haddad (2007, p. 27), o sentido de educação ao longo da vida compreende um processo de formação humana, de crescimento e de realizações pessoais, que o autor traduz como educação continuada:

[...] aquela que se realiza ao longo da vida, continuamente, é inerente ao desenvolvimento da pessoa humana e relaciona-se com a ideia de construção do ser. Abarca, de um lado, a aquisição de conhecimentos e aptidões e, de outro lado, atitudes e valores, implicando no aumento da capacidade de discernir e agir. Essa noção de educação envolve todos os universos da experiência humana, além dos sistemas escolares ou programas de educação não formal. HADDAD 2007, p. 27)

Para Soares *et al.* (2014, p. 19), assumir tal compreensão da educação continuada permite descobrir um olhar explorador e acolhedor para as mais diversas juventudes, e desperta o pensamento que a garantia do direito à educação pressupõe condições de “vir a ser” a partir daquilo que é com as influências cultural, social e étnica. Entende-se que esse “vir a ser” contém muita experiência, informação, conhecimento, muitos sonhos e expectativas: um estágio, um salário mais valiosos, um diploma tão esperado, “pertencer a um grupo”, a capacidade de garantir, dividir e fortalecer a importância da aprendizagem ao longo da vida.

7. PROJETOS DE VIDA E JUVENTUDES

Para Schutz (1979 *apud* Leão, Dayrell e Reis 2011), projetos de vida são os atos de um indivíduo para escolher um futuro possível, uma variável de desejos e fantasias que dão substância a objetivos que podem ser perseguidos; assim representa uma tendência, um curso de vida.

Nesse sentido, para Leão, Dayrell e Reis (2011, p. 1071 e 1072) projetos de vida não devem ser entendidos estrategicamente como resultado de um cálculo matemático ou como um processo linear que existe no senso comum. A ideia de projetos de vida está relacionada com a vivência de uma pessoa, que se conecta com alguma área de sua vida (ocupação, escola, humor etc.) em um período de tempo mais ou menos amplo, assim, traçando um plano de ação. Tais planos de ação estão sempre ligados ao campo de possibilidades dado pelo contexto socioeconômico e cultural em que cada jovem está envolvido e que limita as suas

experiências. Os projetos de vida devem ter uma dinâmica própria que muda à medida em que acontece a própria maturidade

Para Machado (2006), ter um projeto de vida significa traçar metas, então um projeto apenas pensado não é suficiente, é necessário pensar em como realizá-lo, um projeto de vida só projeto se seu criador tiver a oportunidade de implementá-lo, o projeto não deve ser apenas uma apresentação da ideia do futuro, do amanhã, do possível, o projeto de vida é um futuro a ser feito, um amanhã a ser realizado, uma oportunidade de se tornar realidade uma ideia a ser transformada em ação.

Assim como o sujeito desenvolve sua identidade em contextos próprios influenciados por simbolismos, culturas e condições sociais, projetos de vida também são construídos e reconstruídos a partir de valores adquiridos durante a vida (MACHADO, 2006), a biografia e os campos de possibilidades (VELHO, 2003) na vida desses jovens.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In.: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo M. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, H. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação – Juventude e Contemporaneidade**. São Paulo: ANPED, n 5 e 6, p. 25-36, mai/ago.,set/dez.,1997.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia (coord.). **Juventude, juventudes: o que une e o que separa**. Brasília: UNESCO, 2006. 744 p. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=64654. Acesso em 29/05/2022.

ABRAMOVAY, M. & CASTRO, M. G. **Juventudes no Brasil: Vulnerabilidades negativas positivas**. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE POPULAÇÃO, 1, Caxambu, MG, 2004. **Anais...** Campinas: Associação Brasileira de Estudos de População, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/TvShMLYjsKJ8FDZfbBVrMKN/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 29/05/2022.

ABRAMOVAY, M. et al.. **Juventude, violência e Vulnerabilidade Social na América Latina**: desafios para políticas públicas. Brasília, Brasil: UNESCO/ BID, 2002.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Retomada de um legado intelectual Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 17, n. 2. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/86sMfK8NFTD-3D7B7dqYgcjB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29/05/2022.

AZEVEDO, José Clóvis de; REIS, Jonas Tarcísio. Democratização do Ensino Médio: a reestruturação curricular no RS. In: AZEVEDO, José Clóvis de; REIS, Jonas Tarcísio (org.).

O Ensino Médio e os desafios da experiência. 1. ed. São Paulo: Fundação Santilana: Moderna, 2014

BRASIL. Lei 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. **Diário Oficial da União**, Brasília, 5 de agosto de 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em 29/05/2022.

CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. Ensino Médio e Educação Profissional no Brasil Dualidade e fragmentação. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 5, n. 8, p. 27-41, jan./jun. 2011. <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/45/42>

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z-5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 29/05/2022.

HADDAD, Sérgio. A educação continuada e as políticas públicas no Brasil. p. 27-38. In: **Revista Brasileira de Educação**. v. 1, n. 0. Rio de Janeiro: ANPEd, São Paulo: Autores Associados, ago. 2007.

KUENZER, A. **Da Dualidade Assumida à Dualidade Negada**: O Discurso da Flexibilização Justifica a Inclusão Excludente. Disponível em: <https://www>.

scielo.br/j/es/a/sB3XN4nBLFPRrhZ5QNx4fRr/?lang=pt&format=pdf. Acesso em 29/05/2022.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084. out.

dez. 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/873/87321425009.pdf>. Acesso em 29/05/2022.

LEÃO, Geraldo; NONATO, Symaira. Juventude e Trabalho. In: CORREA, Lycinia Maria, et. al. **Cadernos temáticos: juventude brasileira e ensino médio**. Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: <https://observatoriodajuventude.ufmg.br/wp-content/uploads/2021/07/Caderno-03-Os-Jovens-e-a-Escola-4.pdf>. Acesso em 29/05/2022.

MACHADO, Nilson José. **Educação: projetos e valores**. 6. ed. São Paulo: Escrituras, 2006. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4122951/mod_resource/content/3/Texto%20do%20Nilson%20Machado%20%28livro%20completo%29.pdf. Acesso em 29/05/2022.

Ministério da Educação e Cultura (MEC). Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/educacao-profissional-e-tecnologica-ept#:~:text=A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20profissional%20e%20tecnol%C3%B3gica,e%20na%20vida%20em%20sociedade>. Acesso em 29/05/2022.

MOURA, Dante Henrique. Educação Básica e Educação Profissional e Tecnológica: Dualidade Histórica e Perspectivas de Integração. Revista **Holos**, Ano 23, Vol. 2 – 2007. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11/110>. Acesso em 29/05/2022.

O Futuro do mundo do trabalho para as juventudes Brasileiras. Organizado por Itaú educação e trabalho, São Paulo. 2023. Disponível em: <https://www.itaueducacaoetrabalho.org.br/biblioteca/publicacoes/futuro-do-mundo-do-trabalho-para-as-juventudes-brasileiras>. Acesso em 29/05/2022.

OLIVEIRA, Luciana da Silva Oliveira e ROMAGNOLI, Roberta Carvalho; **Juventude, Vulnerabilidades e Políticas Públicas**. Revista **UEMG**, V | Nº 9 | 151-163 | jan/

jun 2012. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/revistappp/article/view/913/613>. Acesso em: 25/05/2022.

POCHMANN, Márcio. **A batalha pelo primeiro emprego**: a situação atual e as perspectivas do jovem no mercado de trabalho brasileiro. 2ª ed. São Paulo: Publisher Brasil. 2007.

SILVA, A. P. da.; LEHFELD, N. A. de. S. Trabalho e Juventude no Contexto Contemporâneo: Reflexões Introdutórias Revista da Faculdade de Direito da UFG, v. 43, p.01-20, 2019.

SOARES, Andréia Cristina da Silva; PAIVA, Jane; BARCELOS, Luciana Bandeira.

EDUCAÇÃO CONTINUADA, QUALIDADE E DIVERSIDADE: Um olhar complexo sobre aprendentes Jovens e Adultos. **Revista Debates em Educação** - ISSN 2175-6600 Maceió, Vol. 6, n. 11, Jan./Jun. 2014. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/issue/view/142>Acesso em 12/05/2023

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.